

**GT 18 - Os Percalços do “Desenvolvimento”, Políticas
Públicas e Comunitarismo em uma aldeia do Baixo
Rio Negro: uma disputa entre Lógicas Opostas.**

Autor: Jean Ricardo Ramos Maia

**Organização: UFAM(estudante de Ciencias Sociais)
Unicamp(Pós em Gestão Ambiental)**

RESUMO: A partir da experiência de um trabalho de assessoria de três anos, em projetos que equalizavam questões particulares da aldeia, como a geração de renda, e políticas públicas, a obtenção dos projetos de Agências (organizações externas: Governamentais e Organizações não-governamentais não-indígenas, igrejas, etc.) são analisados 3 Projetos: A criação de Galinha Caipira por uma ONG, um Projeto de Criação de Peixe e as polêmicas em torno de uma escola comunitária, desenvolvidos em uma comunidade indígena multiétnica do Baixo rio Negro, a 35 quilômetros de Manaus, Amazonas, entre 2004 e 2007. Mais do que focar as contraposições, nosso objetivo é refletir sobre a necessidade de buscar alternativas de diálogo entre as agências e os sujeitos envolvidos nos projetos que possam ir além dos aspectos formais da legitimidade de assembléias.

Os projetos verificados tratam de 3 agências diferentes. O Primeiro, é marcado pelo fomento de um projeto de criação de Galinha Caipira por uma ONG. É um elemento de contradição de visões sobre o desenvolvimento, a medida em que a cultura dos indígenas da comunidade, segundo depoimento dos próprios, é vista como algo não-higiênico. É um exemplo de lógicas conflitantes, que desconsidera este aspecto importante, que é o olhar da comunidade sobre o significado de criar galinha, levando ao fracasso esta proposta.

O Segundo projeto diz respeito ao tempo da comunidade e o tempo das Organizações do Governo. O Projeto teve o recurso do projeto de criação de peixe liberado já no final do prazo previsto pela comunidade para sua execução. Tendo a comunidade que administrar a falta de tempo da natureza (devido a chegada da cheia) e os recursos, que de escassos, causaram a não efetivação do projeto.

E o derradeiro, é um conflito das agências. Pois enquanto uma ONG foi parceira, ajudou a construir a escola comunitária a Outra levava “Os Gringos” – seus patrocinadores a comunidade afirmando ser a escola um dos resultados de seus trabalhos. Esta ação – que representa sem dúvida uma questão ética para a ONG ajudou de fato na construção da escola, representou para comunidade apenas mais um elemento de articulação entre às organizações externas (Agências). Quem foi parceira ou não na construção da escola, não era de difícil percepção para a comunidade, no entanto, o fato de deixar uma outra organização transparecer isto, desacortina não apenas a situação de difícil realidade social da comunidade, bem como demonstra como se dão as relações de troca entre comunidade indígena e agências não-indígenas.

O Trabalho e inter-relação entre estes atores sociais (agencias e comunidade) demonstra um conflito não apenas de projeto de desenvolvimento. A comunidade indígena de Terra Preta, bem como outros núcleos (vilas e cidades) indígenas possuem um padrão de organização que demonstram um projeto próprio de desenvolvimento (bairros ou comunidades multietnicas que buscam reproduzir no novo espaços velhos costumes resignificados). O que ocorre no Final é um conflito de olhares e linguagens, de agendas, principalmente pela relação de falta de diálogo que estabelecem as agências que impõem suas rotinas. No final das contas, trata-se de mais uma resignificação. Os acordos e contrapartidas são o traço marcante desta relação histórica de indígenas e não-indígenas quando Mauss discute: Ensaio sobre a dádiva.

Referência Bibliográfica: MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a dádiva. Ed. Cosac&Nify, 2003; ANDRELLO, Geraldo Cidade do Índio. Ed. Unesp, 2006; SACHS, Ignacy. Ecodesenvolvimento : crescer sem destruir. Trad. de E.Araujo. - São Paulo: Vértice, 1981.